

C.S. Lewis traduz Virgílio

Afonso Reis Cabral

REVISIONES

Revista de crítica cultural

C.S. Lewis traduz Virgílio

Resumo: A *Eneida* de Publius Vergilius Maro foi um dos livros preferidos de C.S. Lewis, que ao longo de vários anos o foi traduzindo. Graças a Walter Hooper e A.T. Reyes, é finalmente possível, no volume de que se apresenta resenha, conhecer o que resta desse trabalho.

Palavras-chave: C.S. Lewis, Virgílio, tradução, *Eneida*.

C.S. Lewis traduce a Virgilio

Resumen: La *Eneida* de Publius Vergilius Maro ha sido uno de los libros favoritos de C.S. Lewis, que durante años se dedicó a su traducción. Gracias a Walter Hooper y A.T. Reyes, es por fin posible conocer lo que queda de su labor, en el volumen que se reseña.

Palavras-chave: C.S. Lewis, Virgilio, traducción, *Eneida*.

C.S. Lewis translator of Virgil

Abstract: Thanks to Walter Hooper and A.T. Reyes, it is at last possible to know what remains of C.S. Lewis intent to translate Virgil's *Aeneid*, one of his favourite books.

Keywords: C.S. Lewis, Virgil, translation, *Aeneid*.

Afonso Reis Cabral

Nació en 1990 en Oporto (Portugal). Se licenció en Estudios Portugueses e Lusófonos, por la Facultad de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, en la que actualmente es alumno del máster en Estudios Portugueses.

Ha publicado un poemario, *Condensação* (2005).

Correo electrónico: afonsorcabral@gmail.com

C.S. Lewis Lost Aeneid – Arms and the Exile,
edição e introdução de A.T. Reyes,
prefácio de D.O. Ross,
nota inicial de Walter Hooper,
Londres, Yale University Press, 2011, 208 pp.

Of arms and of the exile I must sing, of yore
Guided by fate from Troy to the Lavinian shore
and Italy.
(I, 1-3, p. 37)

A *Eneida* perdida de C.S. Lewis foi recuperada. Tudo neste livro é uma relíquia: não só por ter sido resgatado do fogo, mas também porque lhe pode ser prestado culto pelos admiradores de C.S. Lewis (1898-1963) e, de modo geral, pelos amantes de uma boa tradução.

A *Eneida* de Publius Vergilius Maro representava, para Lewis, um verdadeiro *vade mecum*: releu-a numerosas vezes e, conforme confessou ao seu secretário Walter Hooper poucos meses antes de morrer, era um dos únicos livros de que não se conseguia separar – o outro, curiosamente, era *The Worm Ouroboros*, de E.R. Eddison, cuja primeira edição data de 1922.

Precisamente nesse ano de 1922 é possível descobrir em Lewis, pela primeira vez, a intenção de traduzir o épico de Virgílio (descontando os exercícios que o bom colegial possa ter feito, ou pretendido fazer, nos tempos de ‘liceu’). Mas, então, o intuito não passava de divertimento: numa tarde de *croquet* com o seu amigo Andrée Cahen, Lewis vai tentando traduzir passagens da *Eneida* para francês.

Mas os propósitos de Lewis tornam-se mais sérios, e em 1935 já tinha traduzido alguns versos de Virgílio para inglês. Enquanto vai publicando a sua obra ficcional e académica, nunca esquece o *work in progress* da sua *Eneida*, e por vezes transcreve passagens da própria tradução em ensaios seus (como na presente edição fica documentado).

Em 1943, já autor das famosas *Screwtape Letters*, sente que a tradução se encontra suficientemente amadurecida para a apresentar ao círculo literário dos *Inklings*. Dias depois de o ouvir, J.R.R. Tolkien escreve ao filho Christopher e refere que Lewis apresentara na última reunião «a long specimen of his translation of Virgil».¹ Por estranho que pareça, esta é a última referência concreta às traduções virgilianas de Lewis. Depois disso, só em 1959 se encontra, sem mais, uma referência epistolográfica à *Eneida*, a propósito do tipo de metro que deve ser utilizado para a traduzir.

A. T. Reyes justifica a falta de notícias sobre a tradução com o argumento de que o método de trabalho de Lewis era intermitente, saltando de tema para tema. Entretanto, e em paralelo com os trabalhos relacionados com a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista que rege em Cambridge, a sua obra ficcional continua a avolumar-se, e em 1959 encontram-se publicados os sete livros que constituem a série, mundialmente aclamada, «The Chronicles of Narnia».

Estamos, portanto, perante um período muito rico de efabulação e, pelo que nos é dado a entender por intermédio de Walter Hooper, Lewis só se dedicava à tradução em períodos de escassez imaginativa, numa espécie de exercício preparativo ou ‘de aquecimento’ para a ficção.

Certo é que Lewis morre em Novembro de 1963, certamente sem ter terminado a tradução. Hooper, como seu secretário, fica encarregue de guardar e catalogar os manuscritos e, quando em Janeiro de 1964 se dirige a The Kilns, a casa de Lewis, o que lá vê horroriza-o: ‘Warnie’ (o major Warren Hamilton Lewis, irmão de Clive Staples Lewis), seleccionara de entre os manuscritos do nosso escritor aqueles que familiarmente mais lhe comunicavam e, ateando uma fogueira no jardim, preparava-se para deixar que o fogo devorasse tudo o resto, numa espécie de *Fahrenheit 451* sem cães mecânicos. Aflito, foi o próprio jardineiro, Fred Paxford, que avisou Hooper do que se estava a passar, pedindo-lhe que se apressasse. Perante os apelos do secretário, o major acedeu a que este levasse todos os manuscritos que quisesse, até ao final daquela tarde – depois disso, o que sobrasse seria queimado. De entre as caixas que Hooper conseguiu salvar, só no corrente ano de 2011 vêem a luz do dia os frutos do trabalho de tradução que Lewis empreendeu durante tantos anos.

Curiosamente, tal como esta tradução, também o próprio original se poderia ter perdido pelas chamas. Virgílio morre em 19 a.C., pouco tempo depois de ter completado

o seu poema épico. No entanto, insatisfeito, determina que os seus amigos queimem a *Eneida*. Para bem da posteridade, o pedido não surte efeito: o poeta morre, mas o poema sobrevive-lhe.

Voltando a Lewis, depois de todas as peripécias, sobreviveram a totalidade dos livros I e VI, grande parte do livro II e fragmentos dos livros III, IV, V, VII e XII. O resultado não é uma tradução simples – nem, certamente, ainda que estivesse completa, Lewis pretenderia que o fosse.

Tendo em conta que os editores sentiram a necessidade de introduzir um glossário, percebemos que o texto afigura-se difícil mesmo para os falantes nativos do inglês. Apesar da dificuldade que o leitor comum sente, e mais ainda se não tem o inglês como língua materna, em nada é afectado o interesse desta relíquia – muito pelo contrário.

Lewis defendia que, depois do Renascimento, o inglês foi contaminado por compostos neo-clássicos, que não são adequados para traduzir Virgílio; aliás, de uma maneira geral, os gostos de Lewis pendiam mais para a Idade Média. Mas quanto ao caso específico, tudo reside no acolhimento que Virgílio teria na sua própria época. Basta dizer que a linguagem de Virgílio não era *clássica* no sentido que hoje atribuímos ao termo. Expondo de outra maneira, para evitar mal-entendidos, e sem querer cair no truísmo: Virgílio era contemporâneo da sua língua, utilizando termos vernáculos. Assim, que sentido teria traduzi-lo empregando termos neo-clássicos, uma vez que essas palavras têm entre nós uma tradição completamente diferente daquela que teriam as palavras originais de Virgílio? Fazê-lo seria adoptar uma concepção *clássica* e artificial de Virgílio, transformando-o num *monumento*.

Visto isto, uma vez que é impossível alcançar, na actualidade, a mesma recepção que o épico teve quando foi escrito, então, segundo Lewis, o melhor seria adoptar outra perspectiva e aproximar a tradução dos arcaísmos medievais, alcançando assim, ao mesmo tempo, a estranheza

adjacente a qualquer obra com dois mil anos e maior fidelidade à sua génese, embutida nas raízes do latim, tal como os arcaísmos o estão nas línguas das quais provêm, neste caso o inglês.

Para além deste aspecto, Lewis considera que não ceder na métrica é essencial para transmitir a cadência do épico, e utiliza o metro alexandrino como substituto do hexâmetro dactílico. Tudo se resume a explicar com mais perfeição o espírito da obra, a sua essência, mesmo que isso signifique ceder alguma linearidade. De facto, Lewis não traduz *verbatim*, palavra por palavra, tal como se pode comprovar nesta edição bilingue.

Por exemplo, no trecho (1, 402-405) em que, em Carthago, Vénus se revela a Eneias como deusa:

Dixit et avertens rosea cervice refulsit,
ambrosiaequae comae divinum vertice odorem
spiravere; pedes vestis defluxit ad imos,
et vera incessu patuit dea.

Lewis traduz:

She turned, and at her turning came a fragrant air
Of godhead, and her robe grew long; ambrosial hair
Flashed, and a rosy brightness on her neck, and all
The goddess in her going was revealed.²

Conforme esclarece A.T. Reyes,³ Lewis traduz este passo captando a ideia central de movimento, como se num só gesto Vénus revelasse a sua verdadeira natureza divina. As omissões são por isso significativas: Lewis omite por completo «*dixit*» e traduz «*pedes vestis defluxit ad imos*» por um menos literal «*her robe grew long*», sintetizando no entanto a ideia de que Vénus seria uma deusa da cabeça aos pés – ou seja, que seria deusa em todos os gestos e formas, como se a veste descendo pelo corpo o demonstrasse num só movimento. Por outro lado, parece-me que Lewis realçou com «*flashed*» a força da revelação.

Isto é, num momento súbito de luz, em que o cabelo de ambrósia (marca divina) se destaca, teria sido por demais evidente que Eneias estava na presença da deusa do amor.

Mais do que o texto em si, muito incompleto apesar de ser produto de anos de trabalho, interessará, pois, compreender a lógica por detrás do labor da própria tradução.

Para Lewis, «the literary man re-reads, other men simply read». Tendo em conta esta máxima, parece naturalmente vantajoso dispor de diversas traduções da mesma obra, pois quem da(s) releitura(s) se vê privado é como «a mand [who] once washed, or once slept, or once kissed his wife, or once gone for a walk».⁴

Notas

1. Cf. p. 5 da Introdução.
2. Cf. pp. 63-64.
3. Cf. pp. 21-22 da Introdução.
4. Cf. pp. xi-xii da Nota Inicial.